

VAQUEIRAR NO MARAJÓ: LIDAS E VIDAS EM PERFORMANCE

COWBOYING IN MARAJÓ: READING AND LIVING IN PERFORMANCE

Délcia Pereira Pombo **1**

Resumo: O vaqueiro Erandir Vasconcelos, ou Tio Iranda como também era conhecido, fez parte do grupo de profissionais que aprenderam com os antepassados, no cotidiano, a lidar com o gado em campos abertos. E, quando já aposentado, lidou com as memórias do passado. Assim, o objetivo deste trabalho foi registrar narrativas e performances de Erandir acerca de saberes intrínsecos ao ofício de vaqueiro a partir de experiências pessoais sobre a pecuária como elementos integrantes da composição identitária desse profissional da região do Marajó. Os resultados revelaram o percurso desse homem que viveu desde a infância nos campos até o momento em que ele se aposentou e foi morar na cidade. Como conclusão, foi possível notar a pertinência do registro de narrativas orais como estratégia para preservar, em textos escritos, saberes acerca da lida do vaqueiro que é tão relevante no Marajó. Na tessitura dos fios da memória desse profissional, a beleza da arte de narrar se revigora, pois o sopro da voz se perde quando as histórias não são mais contadas.

Palavras-chave: Narrativa. Memória. Trabalho. Vaqueiro marajoara. Voz.

Abstract: Cowboy Erandir Vasconcelos, or Tio Iranda as he was also known, was part of the group of professionals who learned from their ancestors, on a daily basis, how to deal with cattle in open fields. And when he was already retired, he dealt with memories of the past. Thus, the objective of this work was to record Erandir's narratives and performances about knowledge intrinsic to the cowboy craft from personal experiences on livestock as integral elements of the identity composition of this professional from the Marajó region. The results revealed the path of this man who lived from childhood in the fields until the moment he retired and moved to the city. As a conclusion, it was possible to note the pertinence of the register of oral narratives as a strategy to preserve, in written texts, knowledge about the cowboy's work that is so relevant in Marajó. In the weave of the threads of the memory of this professional, the beauty of the art of narrating is invigorated, because the breath of the voice is lost when the stories are no longer told.

Keywords: Narrative. Memory. Job. Marajoara cowboy. Voice

Introdução

Este artigo é parte do resultado de pesquisa desenvolvida na região dos campos do arquipélago do Marajó, local onde circulam vaqueiros em meio às experiências de vida na lida com criação do gado solto, em campos abertos. Trata-se de um recorte temático sobre a voz de Erandir Vasconcelos, conhecido também como Irandir ou Tio Irandá, que narrou o percurso de vida, sempre relacionado ao trabalho como vaqueiro. O contexto espacial é o município de Soure por fazer parte da área que compreende os campos do Marajó, microrregião do Arari, grande extensão territorial que tem identidade profissional ligada às atividades da pecuária. Quanto ao aspecto temporal, as narrativas abordam, panoramicamente, desde o período de infância até quando o vaqueiro encaminhou a aposentadoria.-

O vaqueiro do Marajó, por meio do ato de contar a própria vida e as ações que nortearam sua prática profissional manifestou conhecimentos a respeito de si mesmo, sobre os outros e sobre o que aconteceu na sua comunidade em certo momento histórico. No fio de uma cadeia de acontecimentos, o arremate conclusivo de Fares e Rodrigues (2015, p. 01):

O vaqueiro marajoara é mais que a representação de um ofício da região dos campos do Marajó, é ícone do Marajó, pois não é possível pensar neste território sem a presença das fazendas e dos trabalhadores de gado e de toda uma cultura decorrente deste espaço e desta relação. Este ofício remete a práticas ancestrais, pois é herdado através de cadeias familiares onde avós, pais, filhos, fazem da arte de ser vaqueiro, além de fonte de sobrevivência, marca identitária de uma região que historicamente se afirmou no cenário econômico regional pela pecuária e seus derivados.

E o vaqueiro, ao constituir-se como sujeito do ofício com o qual identifica um grupo de profissionais envolvidos em afazeres da área rural, nas relações estabelecidas com patrões, companheiros e familiares, ele se tornou componente de destaque e significativo representante da cultura vaqueira local. O objetivo deste trabalho foi registrar narrativas de vida de Erandir Vasconcelos sobre saberes intrínsecos à arte de vaqueirar, experiências e vivências do cotidiano, a lida no campo da pecuária e como tais elementos contribuíram para a construção identitária desse profissional da região do Marajó.

As narrativas de vida como recurso metodológico e produção de sentido

Narrar consiste na adoção de estratégia que integra o perfil identitário do vaqueiro como trabalhador dos campos do Marajó em que o sujeito que conta “retira da experiência o que ele conta: sua própria experiência ou a relatada pelos outros. E incorpora as coisas narradas à experiência dos seus ouvintes” (BENJAMIN, 1994, p. 201), ou nas palavras de Bosi (1994, p. 85) em que “o narrador tira o que narra da própria experiência e a transforma em experiência dos que a escutam”.

Erandir, na vibração da voz ao narrar experiências vividas enquanto profissional representante da cultura vaqueira marajoara, destacou-se como um ser social portador de vocação para a atividade pastoril. Na elaboração de suas narrativas revelou ter perfil de caráter e prestígio que o levou a ser reconhecido em seu meio pelos feitos realizados como feitor, durante 47 anos, na Fazenda Tapera.

Encaminhamento necessário para conduzir os procedimentos de investigação, com observação *in loco* foi para conhecer o homem dos campos do Marajó, levando-se em consideração um importante esclarecimento de Giovanni Gallo (1980, p. 29):

Só vivendo aqui, em contato com a realidade do dia a dia, é possível descobrir o que de fato é novo aqui, exclusivo. Não somente a natureza (bichos e flores se encontram em toda

parte): é o relacionamento, uma dimensão nova, uma espécie de trama de conexões misteriosas que associam homens e coisas, formando um mundo à parte, fora dos padrões, das categorias gastas e habituais.

Partindo-se, então, da complexidade que envolve a pesquisa de campo, teve início um longo percurso de idas e vindas pelo Marajó. A constância das viagens, no trecho fluvial entre Belém, a capital do Pará, do porto onde saem as embarcações rumo a Soure, no Marajó, e o tempo das travessias, foi favorável para atualização das leituras bibliográficas. Além de ter sido possível anotar e revisar o roteiro da condução investigativa que se pautou nos instrumentos de pesquisa em História Oral e combinação de diferentes técnicas. Uma abordagem colaborativa de natureza qualitativa em torno da realidade profissional em interação com o sujeito participante, uma vez que o interesse maior foi compreendê-lo enquanto membro de uma sociedade com valores, crenças, costumes, hábitos e práticas.

A pesquisa foi realizada a partir da observação decorrente do próprio *locus* de atuação do vaqueiro Erandir cuja compreensão foi implementada a partir da perspectiva etnossociológica que, segundo Bertaux (2010, p. 25–26), consiste “em uma forma de pesquisa empírica adaptada à identificação das lógicas próprias de cada mundo social ou de cada tipo de situação”.

A escolha pelas narrativas de vida se justificou, no modelo de Bertaux (2010), porque “elas constituem um método que permite estudar a ação *durante* seu curso”. Daí as entrevistas para ouvir narrativas, nos postulados de Bertaux (2010, p. 69), em que “a experiência do real toma forma humana, vida e voz”, como instrumento de coleta de dados a partir das quais pode-se seguir um roteiro com listas de questões, já previamente elaboradas, para nortear o percurso metodológico. Para isso, o questionário elaborado por Sônia Freitas (2002) foi adaptado. Mas no decorrer da ação, esse procedimento apresentou falhas, pois o narrador parecia “peado”, ou seja, travado, diante do que foi necessário refazer estratégias.

Frente às perguntas e, acostumado às conversas informais, o vaqueiro não sabia o que dizer diante das perguntas formuladas. Em um intervalo técnico da gravação de vídeo, Erandir perguntou: “O que a senhora quer que eu responda?”. Na ânsia de ajudar, por ocasião da gravação, ele temia pouco contribuir ao considerar-se aquém do esperado. Sem dúvida “não é consciente da riqueza de que é dono e ao mesmo tempo artífice. Não querendo vender bagaço, se tranca”, como diz Gallo (1980, p. 173). Então, diante da liberdade para falar, foi possível registrar manifestações da memória desse sujeito por meio das narrativas orais traçadas de saberes e significados inerentes ao exercício da atividade pecuária.

As práticas laborativas ressaltadas em *performance*, nesse espaço, evidenciou a marca identitária que realça o envolvimento com o trabalho, com a família, com a dimensão no entorno. À luz de sua experiência, a voz, os gestos, o corpo e os sentidos para contar de si, em versão assim difundida por Zumthor (1997, p. 157):

É pelo corpo que nós somos tempo e lugar: a voz o proclama emanação do nosso ser. A escrita também comporta, é verdade, medidas de tempo e espaço: mas seu objetivo último é delas se liberar. A voz aceita beatificamente sua servidão. A partir desse sim primordial, tudo se colore na língua, nada mais nela é neutro, as palavras escorrem, carregadas de intenções, de odores, elas cheiram ao Homem e a terra (ou aquilo com que o homem os representa).

Essa voz é, sobretudo, memória. “A perfeita voz da memória” (ZUMTHOR, 1993, p. 142), cuja intenção foi ouvir fatos relacionados ao entorno do vaqueiro marajoara, objetivos ou imaginários. Em *Memória e História*, Le Goff (2012, p. 174) explica que: “A memória é um elemento essencial daquilo que passamos a chamar de identidade individual ou coletiva, cuja busca é uma das atividades fundamentais dos indivíduos e das sociedades do presente”. Nela se refle-

tiram as vivências partilhadas com o coletivo, a classe dos trabalhadores do campo.

A sugestão investigativa de análise pautada nesse modelo se projetou em fragmentos de narrativas que produziram significados ao evidenciarem marcas de experiência de vida e de trabalho com as quais Erandir se identificava. Os registros orais revelaram o conhecimento de um universo particular marcado pelo compromisso com as tarefas a ele confiadas e que o fez referência entre os companheiros de profissão.

Feito o levantamento de narrativa (auto)biográfica de Erandir, houve o entendimento de que a vivência se reveste da tradição que, na concepção de Bertaux (2010, p. 47):

Consiste em considerar que algo da narrativa de vida a partir do momento em que o sujeito conta a outra pessoa, pesquisador ou não, um episódio qualquer de sua experiência vivida. O verbo 'contar' (fazer relato de) é aqui essencial: significa que a produção discursiva do sujeito tomou a forma narrativa.

Nesse aspecto, os saberes expressos pela voz do vaqueiro marajoara evidenciaram marcas que, segundo Zumthor (1993, p. 19), revelam “o prestígio da tradição e, certamente, contribui para valorizá-lo; mas o que integra nessa tradição é a ação da voz”. No entendimento de que a vivência se reveste da tradição a escuta do que disse o vaqueiro sobre si dá rumo à narrativa que segue o curso da vida, ou seja, ela não se explica à parte; simplesmente flui. O privilégio de acontecimentos únicos, particulares e inscritos na memória do narrador que, no ponto de vista de Benjamim (1994, p. 209), “não se preocupa com o encadeamento exato de fatos determinados, mas com a maneira de sua inserção no fluxo insondável das coisas”. Nesse aspecto, o questionamento de Bosi (1994, p. 68) é pertinente e contribui para provocar:

Qual a forma predominante de memória de um dado indivíduo? O único modo correto de sabê-lo é levar o sujeito a fazer a sua autobiografia. A narração da própria vida é o testemunho mais eloquente dos modos que a pessoas tem de lembrar. É a *sua* memória.

Narrar é ato importante de interpretação da palavra dita, visto que a voz emite a representação social de uma experiência de vida com a qual o sujeito se identifica, dá informações de si e promove uma cartografia de saberes da realidade contextual. A exemplo da pesquisa sobre as cartografias traçadas por Fares (2004), que remetem a um complexo cruzamento de espécies distintas das gentes da região, segundo as relações existentes entre os registros da história e os saberes da tradição. O modo de ser e de viver inerente aos sujeitos dos campos marajoaras, segundo a autora:

Não existe uma cultura, uma identidade amazônica no singular. A concepção deste espaço é plural. As diferentes manifestações culturais trazem marcas do híbrido e da mestiçagem e reconhecem as presenças indígenas, africanas, libanesas, nipônicas entre tantas outras. São essas vozes poéticas de múltiplos sotaques e línguas que fundam a Amazônia, mesmo sem ser necessário comprovar quais os desenhos mais fortes e os rascunhos mais claros. (FARES, 2004, p.86)

Tal concepção conjuga ideais, regras, valores e atitudes socioculturais na interpretação da realidade social que converge para as vivências do entorno e dos ambientes por onde circula o vaqueiro. As observações apontaram a dinâmica das relações e interações do vaqueiro no espaço-tempo que ocupou como profissional, quando transitou pelos territórios da memória.

Os momentos significativos com os companheiros de labuta que aconteciam durante

a tiração de leite no curral, ao recorrerem às cercas e verificarem os moinhos, na época de ajuntamento para apartação de reses, ferra, vacinação, castração, assinalação de animais, condução de gado para embarque. Em todos esses setores por onde os vaqueiros atuavam em conjunto, funcionavam como espaço narrativo, momentos em que (com)partilhavam experiências. Esse cenário propício à narrativa é apresentado no repertório de vaqueiros de Medina (2017, p. 209):

As narrativas funcionaram como constituição do profissional entregue à própria intuição para levar a cabo uma profissão que exigia enorme responsabilidade. Nessa entrega (in)consciente, o relato, moldado pela voz, tem caráter épico. E é o modo de o vaqueiro, acostumado a desafios no dia a dia, se revelar narrador do que lhe ocorria.

Para isso, o suporte das narrativas (auto)biográficas possibilitaram imbricar a diversidade de saberes a partir das experiências vivenciadas ao longo da vida, na consciência de que muito viveu, aprendeu e, por isso, teve muito o que contar.

Com Erandir, o sopro da voz que narra: uma tessitura (auto) biográfica

O vaqueiro Erandir, nascido em 21 de novembro de 1938, na Fazenda Tapera, município de Soure, no Marajó, era filho de Roque Vasconcelos e Perciliana Maciel Vasconcelos, ambos também nativos dos campos. A fazenda onde nasceu e trabalhou foi também o local onde contraiu matrimônio com a prima, Ana Maria de Vasconcelos com a qual teve seis filhos que seguiram a linha dos ancestrais: os homens, Ernani e Erandir, se tornaram vaqueiros; e as filhas Edna, Eida, Eloísa e Elizabeth casaram-se com trabalhadores do ramo da pecuária. A narrativa de vida revelou um profissional vaqueiro atuante por 47 anos, com registro de admissão na Fazenda Tapera datado de 18 de maio de 1954, na função de feitor, com saída definitiva para fins de aposentadora, em 2001.

Conhecedor das lidas na vaqueirice, dos lugares por onde cavalgou ficaram as marcas do vaqueiro como um registro de valores, resistência, zelo, sentimentos, sofrimentos e riscos como essência e instrumento de sucesso. No cenário desses campos, ele participou de acontecimentos marcantes na sua função. Como exemplo, foi vencedor do título da I Corrida do Cavalo Marajoara, juntamente com o filho, Ernane. Orgulhoso, o vaqueiro guardou a revista com a imagem dos dois segurando as rédeas dos cavalos campeões com o título da matéria no Jornal Sagringorma (1982, p. 13): “Pai e filho na cabeça”, seguida da reportagem em que ele e o filho alcançaram o primeiro e o segundo lugares, respectivamente, na prova de resistência do cavalo marajoara, em 1982. E, já aposentado, residiu na cidade de Soure onde narrou a própria vida:

Meu Nome é Erandir Maciel de Vasconcelos, alguns me chamam Tio Iranda, acho que é pelo respeito que tem por mim. Nasci na Fazenda Tapera, em 21 de novembro de 1938, e só mudei de lá depois de 30 anos para o Retiro das Flecheiras, a mando do patrão, o doutor Domingos. [...] Comecei como vaqueiro eu tinha 17 anos, o que eu aprendi vem desde o meu avô, passou por meu pai, amigos, outros encarregados. Aí foi indo, foi indo e eu fui aprovando e hoje eu já me sinto assim como até um professor dentro da minha profissão. Eu ia pro campo, comecei cedo, aprendi a laçar, castrar e tudo o que era necessário, aí eu fui e aprovei. E meu patrão disse: “Tu serves pra cuidar”. E lá na Tapera, na sede, eu comecei. [...] Toda minha família trabalhava lá: tios, sogro, primos. O meu avô era gerente, depois meu pai, depois ficou pra mim, a terceira geração. (ERANDIR, 2013).

Nos acontecimentos narrados, a experiência construída no cenário rural por um legado das gerações que antecederam na profissão, Erandir recordou também dos companheiros com quem compartilhou vivências do dia a dia. Mas o destaque foi direcionado ao pai, Roque Vasconcelos, a quem atribuiu o conhecimento da vaqueirice:

A parte de vaqueirice foi tudo com ele, tudo me ensinou, como manejar o gado. Minha primeira montaria foi um carneiro, o nome dele era Jasmim, era branco, ele ia comigo pro mato, pegava aquela cambada de maguari¹ e eu botava na garupa do carneiro, feixe de lenha. O meu pai era nativo de lá mesmo, nasceu nos Filhos de Eva. (ERANDIR, 2013)

Daí, pode-se entender que, pela diversidade da cultura local, os objetivos e dimensões do saber, como produto de relações epistemológicas, estão intimamente ligados, porque na cultura do povo há um saber vivo e continuamente transmitido entre as gerações. Em Benjamin (1994, p. 211) “a memória cria a corrente da tradição que passa um acontecimento de geração em geração”. Esse aspecto ficou evidente na narrativa de Erandir, uma vez que herdou os saberes da profissão do pai e transmitiu aos filhos o ofício e todos os interstícios de repertório de vaqueiro o que significa pluralidade de experiências cotidianas. Isso representa que, nos saberes da arte de vaqueirar, se congregam histórias de vidas passadas e presentes que se revelam em narrativas ou são retidas na memória.

“Daquele tempo de menino, ainda tenho no meu peito muita saudade”²

O vaqueiro recordou a infância, os tempos de menino travesso e o início dos aprendizados de domar cavalo bravo; subir nas árvores para pegar o esperto camaleão; descobrir onde as jacarés-fêmeas escondiam os ovos para Malena preparar a deliciosa omelete com limão e farinha; ficar de guarda esperando aprontar o queijo e da sobra que ficava no fundo do tacho para juntar farinha, açúcar e creme de leite fresco e preparar “o choro manso” para comer com os garotos com quem ficava à espreita do preparo da saborosa mistura; brincar de bola improvisada com meia recheada de areia, mas a atenção se redobrava para não perturbar o repouso dos mais velhos. Assim ele contou:

Na minha infância, no tempo da escola, a brincadeira com as outras crianças era de bola, não tinha outra coisa, era o que a gente gostava. Fiquei pouco tempo na escola, estudei só até a terceira série, na época não tinha o que tem hoje. Maria era o nome da professora e era só da 1ª a 3ª série, não ia adiante como essas séries que tem hoje (ERANDIR, 2013).

Aprender a ler, escrever e fazer conta: era difícil manter a concentração em sala, principalmente porque havia outros atrativos que as janelas abertas permitiam ver e desviavam a atenção do quadro: cavalo pastando, bezerro atrás da mãe mugindo sem parar, a chegada de alguém, o barulho de um transporte vindo na direção da fazenda, a porteira, o infinito. E o estudante, na escola, sem poder mudar o cavalo para outro pasto onde havia mais capim, conduzir a vaca e acalmar o bezerro, tirar a cela do animal do visitante que chegara, subir no ponto mais alto para saber quem estava chegando ou se estava apenas de passagem, correr à frente dos colegas para chegar antes e abrir a porteira.

Ainda nessa fase, os adultos delegavam algumas responsabilidades aos meninos que as

1 Maguari ou cauauá é um tipo de pássaro que habita os campos nas áreas alagadiças e onde tem vegetação mais fechada, o que dificulta a sua localização.

2 Fragmento da música “Tempo Bom”, de Chico da Silva. Disponível em: <<http://letras.mus.br/chico-da-silva/994708/>>. Acesso em: 21 dez. de 2012. Uma analogia com as lembranças de Tio Iranda que recorda a infância como “um tempo bom que não volta nunca mais”.

executavam na base da diversão. Um ensinava ao outro o que era preciso para ser vaqueiro competente e outros saberes (com)partilhavam enquanto cavalgavam lado a lado, trocavam saberes da terra, das matas, dos campos. O trabalho assim praticado inspira a tarefa do trabalho que não se configura como exploração, tendo em vista que é importante permitir que o jovem assuma pequenas tarefas não como ato obrigatório, mas como um gesto de aprendizado de ligação com os afazeres familiares em todos os espaços onde percebe que sua ajuda é bem-vinda. Dessa forma, podiam interagir com elementos da sua realidade circundante o que implicava incentivar os menores a estabelecerem contato com sua própria história e a cultura da qual faziam parte.

A narrativa de Erandir é importante para toda a comunidade de vaqueiros marajoaras do que se registra no convívio diário no coletivo e das particularidades do contar de si nas falas que sucederam naquela “riquíssima gama de nuances afetivas de pessoas, de vozes, de lugares” (BOSI, 1994, p. 415). Essa impressão teve Erandir ao dizer que parecia ouvir a voz de Malena, chamando: “Menino, vai buscar água para tomar banho, não vê que está escurecendo? Chega de brincadeira por hoje”. E ele mesmo, na sequência, justificou a atitude da mulher que o criou:

Não era um ralho, era o cuidado que ela demonstrava ter com cada um de nós. Só que na época não se entendia assim, era só olhar para cara de cada um para ver... Hoje já se entende de outra forma. É certo que às vezes o cinto “cantava no couro”, mas a gente esquecia e fazia tudo de novo (ERANDIR, 2013).

O vaqueiro ficou pensativo enquanto vasculhava a memória à procura de mais acontecimentos dessa temporada da vida. A fase da infância na descrição de Bosi Bosi (1994, p 415), “é larga, quase sem margens, como um chão que cede a nossos pés e nós dá a sensação de que nossos passos afundam”. Nessa divisão do tempo, ainda havia mais para contar e Erandir queria sua narrativa registrada, não perderia o momento de se fazer conhecer sobre a vida de outrora. No retorno às lembranças, o momento vivido enquanto adolescente.

O difícil transpor da infância à juventude

Acabou a brincadeira. Até as tarefas que lhe eram solicitadas na infância davam brecha para uma estripulia aqui, outra ali. Isso tudo se foi. O moleque crescera e já “tá(va) taludo”, conhecia os afazeres de vaqueiro, mas algo era imprescindível nessa caminhada: tinha que saber ler, escrever e fazer conta direitinho e, para isso, a presença de escola na fazenda, com professora formada em Belém, foi relevante.

Então, pode-se dizer que “a infância terminou, nem adianta ter saudade, já passou” (BOSI, 1994, p. 416). Começara uma nova etapa em que precisava ajudar nas despesas da casa. Como tinha seu próprio ordenado, Erandir ia às festas de Nossa Senhora da Conceição e de São Sebastião, em dezembro e janeiro. Nesses festejos, vinha gente de todo lugar; até os parentes que moravam mais longe, de Belém, Castanhal, Paragominas, Ipixuna e de outras cidades, se reuniam.

Era muito divertido. Na hora que tocava uma parte mais romântica a gente aproveitava para cortejar a moça em que se estava interessado. Aí já começava a cisma com a filha de um vaqueiro da mesma fazenda, os “brancos” não queriam saber de nenhuma relação de namoro com vaqueiros ou filhas de vaqueiros das fazendas vizinhas. Isso era mais comum (ERANDIR, 2013).

Nessa etapa, foi possível entender mais sobre a divisão do tempo, em que o social absorve o individual e cada geração tem “a memória dos acontecimentos que permanecem como pontos de demarcação em sua história. O caudal das lembranças correndo para o mesmo leito”

(BOSI, 1994, p. 418). A autora questiona: “será a memória individual mais fiel que a social?”. Sim, pois na memória social “pode sofrer os preconceitos e tendências do grupo; e em uma correção de relatos individuais e a história salva-se de se espelhar apenas os interesses e distorções de cada um” (BOSI, 1994, p. 420).

Esse trabalhador dos campos do Marajó foi um sujeito singular, embora envolvido numa multiplicidade de fatores pertinentes aos afazeres diários, às crenças, ao léxico, à alimentação, aos mitos. Os marcadores discursivos constituíram recursos para se estabelecer/manter o diálogo, como testemunho decorrido da necessidade que o vaqueiro teve de lembrar e querer contar, que se registrassem os fatos para ele tão importantes. Diz Benjamim (1994, p. 205):

A narrativa é ela própria, num certo sentido, uma forma artesanal de comunicação. Ela não está interessada em transmitir o “puro em si” da coisa narrada como uma informação ou um relatório. Assim se imprime na narrativa a marca do narrador, como a mão do oleiro na argila do vaso.

A vida de Erandir Vasconcelos, que trabalhou como vaqueiro da Fazenda Tapera, até se aposentar, ocorreu no toque das mãos ao fazer a ordenha, ainda de madrugada, como também ao direcionar o rumo do cavalo com os pés ou as mãos à direita ou à esquerda ou sobre a própria cabeça e o animal obedecia. E mais ainda ao tecer as rédeas e enfeitá-las com argolas e outros adereços, ao esconder na palma das mãos as pedras de dominó, empunhar com segurança o facão durante a capina, ao destrinchar com maestria a vaca para a matalutagem, estalar lábios e agitar as mãos no mesmo ritmo para tocar o gado. Entre outras atividades que o vaqueiro executava com maestria, ciente de suas atribuições. Atitudes que constaram na narrativa do vaqueiro Sebastião (nome fictício) que, desde o tempo em que trabalhavam juntos, observava a forma de manejo do companheiro Erandir:

Eu ficava olhando o Tio Iranda, ele tirava muito gado, da malhada pra rede só ele e Deus, eu ficava olhando pra ele, e eu não me conformava de ver ele fazer aquilo, só ele e Deus e o cavalo que ele tava em cima. Quando foi um dia, eu peguei um cavalo da sela dele, por minha conta e fui tentar tirar gado da malhada pra rede, só eu e Deus. Aí foi que eu vi porque que ele fazia aquilo, era o cavalo que ajudava ele, conforme o movimento da rês na frente, o cavalo aqui atrás. Se ela queria dobrar pra esquerda o cavalo cercava aqui, se ela dobrava pra direita o cavalo cercava daqui, e com os gritos que a gente dá, dava pra rês, aí ela pegava força pra rede. Aí você ia e empurrava. Aí eu fui e botei na mente, que era o cavalo que ajudava, e eu faço muito isso, faço muito isso sozinho, porque é o cavalo que ajuda a gente, aí você tá com a rédea na mão, vem pra esquerda você puxa a rédea que o cavalo tá habituado, tá acostumado naquilo (SEBASTIÃO, 2019).

Na imersão da narrativa contada por outra voz, fazendo menção ao vaqueiro Erandir, um modo de falar envolvente, seguro, diante do qual foi preciso atenção a cada entonação ou movimento corporal para que a performance do narrador fosse capturada. Além da forma de manejo com o gado, outro companheiro de profissão exaltou as qualidades do Tio Iranda para ensinar os saberes da vaqueirice:

O Tio Iranda, foi vaqueiro que a gente dizia VAQUEIRO. Eu gostava de ver ele trabalhar, laçava, ensinava a gente, e a gente via o jeito dele, a gente prestava atenção, como diz a gente não sendo muito rude a gente fica prestando atenção na qualidade das pessoas. Não sendo rude, a gente aprende. São essas coisas que deixam saudade da parte da vaqueirice (BAGRE, 2019).

Uma partilha de experiências com produção de sentido ao enaltecer o profissional dos campos com atitude expressa pela voz do outro na observação e nas ações do cotidiano do companheiro em quem se inspirou para aprender a parte da vaqueirice. Relatos de reconhecimento das virtudes de Erandir e a socialização de experiências na história conjunta desse grupo social em que se mesclaram trabalho e memória. Ao seguir o fluxo narrativo, Erandir passou a contar sobre outro estágio de vida, a fase adulta e todas as responsabilidades que essa passagem temporal implicou.

“Naquele tempo... Ah! Naquele tempo”!

Na idade madura, as responsabilidades de Erandir foram ainda maiores, pois já tinha a obrigação de sustentar a própria família. *“Na fazenda se casa cedo, faz frio, a gente quer “um lençol de orelha” para se esquentar e os filhos vêm a reboque”* (ERANDIR, 2013). Observa-se que, no último período, os verbos estão no presente em demonstração de que o “tempo que o homem considera como seu é aquele onde ele concebe e executa suas empresas. A época pertence aos homens mais jovens que nela se realizam por suas atividades, que animam com seus projetos” (BOSI, 1994, p. 421). Quando Erandir prosseguiu a narrativa, é possível perceber a mudança no tempo verbal:

As famílias tinham muitos filhos, quantos Deus mandasse. Eu tive seis, fora os que a mulher perdeu, e criei todos com o suor do meu trabalho. Era tempo de fartura, o rancho vinha da cidade para cada família de empregado, todo mês se tirava uma vaca gorda, para a matalutagem. Todos ganhavam seu quinhão de carne e dava o jeito para conservar: salgava, cozinhava aqueles enormes pedaços que duravam uns quantos dias; fazia o frito de vaqueiro que a gente colocava no surrão³, prendia na sela e ia embora pro campo, quando batia a fome a gente tinha o que merendar (ERANDIR, 2013).

E, assim, ele voltou ao passado tão somente para localizar os marcos do tempo bibliográfico. Isso incide sobre a memória que, na concepção de Bosi (1994, p. 420), “pode percorrer um longo caminho de volta, remando contra a corrente do tempo. Ela corre o risco de se desviar quando encontra obstáculos, correntes que se cruzam no percurso”. Remar contra a corrente é metáfora de obstáculos a serem superados frente aos riscos da profissão. E uma ação bem concreta diante da necessidade de, às vezes, empregar as habilidades de remador para o deslocamento no cenário de rios, que também que faz parte da vida dos moradores da região marajoara.

Nas evocações das memórias, a ênfase ao vivido pelo sujeito de uma dada cultura, leva em conta o contexto em que são criadas. É o sentido para a própria vida que se amarrou ao passado e deu ânimo a Erandir para viver longe onde não havia mais marcas de apoio; foi útil para que os filhos, netos e futuras gerações não o vissem como um ser improdutivo, incapaz. Conforme Bosi (1994, p. 63):

Há um momento em que o homem maduro deixa de ser membro ativo na sociedade, deixa de ser um propulsor da vida presente em seu grupo: neste momento de velhice social. Resta-lhe, no entanto, uma função própria: a de lembrar. A de ser a memória da família, do grupo, da instituição, da sociedade.

As lembranças passaram a trabalhar a matéria da memória cuja tendência foi deixá-las,

³ Saco de couro curtido feito da bolsa escrotal do garrote e que serve para transportar os alimentos dos vaqueiros e, normalmente, é amarrado na garupa da sela.

segundo Bosi (1994, p. 419), “cheias de sentido e úteis para o presente”. Uma necessidade para quando chegou o tempo de se aposentar e as mudanças da vida ocorreram em todos os sentidos.

É chegada a hora de se aposentar

Nesse momento da vida, o vaqueiro sentiu um forte abalo emocional e precisou de força, incentivo e solidariedade da família e dos amigos. Havia um grande e difícil problema a ser enfrentado. A crise que marcou profundamente a vida do vaqueiro não foi a aposentadoria, mas estar ciente de que deveria desocupar a casa onde morara e dizer adeus aos campos, ao gado, às plantações e a tudo aquilo que construía durante a vida naquele lugar e ir embora.

Como o aposentado não exercia mais as funções de responsabilidade, não havia mais motivo para sua permanência na fazenda. Só restou, então, reunir seus pertences, recolher os animais que podia levar e ultrapassar mais uma vez a porteira que sempre estivera aberta, mas logo fecharia. Um destino em comum e, infelizmente, compartilhado por todos os que exercem a atividade de vaqueiro no Marajó, salvo raríssimas exceções.

Logo que se aposentou, ele precisou deixar os campos e seguiu com parte da família rumo a uma nova vida. Longe do seu ofício, Erandir lembrou cada fase de sua existência, quando andava montado em cavalo “*da sua sela*” e percorria os extensos campos cuidando da malhada. Em seu devaneio, lágrimas escorreram de seus olhos azuis como os céus do Marajó, na estação do verão. Pergunta Bosi (1994, p. 86): “por que chora o narrador em certos momentos da sua vida? Esses momentos não são, com certeza, aqueles de que esperaríamos lágrimas e nos desconcertam”.

Com a investigação ainda em andamento, havia muito para se conversar e a narração implicaria uma carga de emoções que estava apenas começando e, ao longo do trabalho, essa ativação da memória mexeria com a sensibilidade de Erandir ao evocar suas lembranças. No ato de contar estava a essência de sua própria história de vida, em que tempo e memória se fundiam e as reminiscências traziam à tona o que aparentemente já estava esquecido. Os entes queridos que já se foram, se presentificaram no ato narrativo. A infância, a juventude, a fase adulta aliada à existência do avô, do pai, filhos e netos, todos vivendo no mesmo espaço da fazenda e uma nostálgica constatação de Erandir: “*hoje está cada um para o seu lado*”.

Pautar-se nos saberes empíricos e pragmáticos é condição para proceder a coleta em que se pode registrar a imagem representativa de um sujeito que conhece os saberes do ofício, dos costumes (com)partilhados em suas matizes e vivências culturais. E, embora já estivesse aposentado, Erandir procurou ter vida ativa ao seguir um ritmo intenso de afazeres pelas fazendas onde trabalham familiares ou de fazendeiros por quem ele tinha estima. Pelo fato de não conseguir ficar parado, as pessoas que confiavam no trabalho dele em relação à ferra, castração, assinalação, buscaram seus serviços, mas eram situações passageiras. Ele ia, entretanto, logo retornava; e ficava preocupado quando estava longe da esposa, Ana Maria (Tia Nica), companheira da vida inteira. O vínculo afetivo remete a Bosi (1994, p. 417), “quando as marés de nossa memória já roeram as vigas, o fato deriva ao sabor das correntezas. No entanto, sofremos no dia a dia a inexorável divisão que nos constrange a deixar a casa pelo trabalho [...] e nos rouba do convívio mais caro”. Há tempos, Erandir estava longe dos campos e ainda permanecera o sofrimento causado pela saída da fazenda, para ele, de forma constrangedora. O vaqueiro foi marcado pela perda de uma representação em torno do vivido na plenitude dos campos onde se realizava no trabalho e no convívio com familiares e companheiros de profissão.

Na volta frequente ao passado, a narrativa de vida foi contada numa clara versão de que a apreensão do tempo pretérito e presente se fundiram em sentidos da arte de vaqueirar. E constituíram sentidos na vida desse trabalhador já aposentado e que, longe das lidas do campo de Marajó, acionou a memória do cotidiano vivido, uma passagem que se manifestou sobre o passado como “*um tempo bom, que não volta nunca mais*”.

Nas considerações finais, o eco de uma voz que se propaga além dos campos

No ato de contar suas experiências de vida e de trabalho nos campos do Marajó, o vaqueiro Erandir, a cada performance, recuperou a experiência profissional numa estreita relação com o cotidiano. Na época dos registros, as atividades na pecuária ainda o moviam, o tocavam e o aproximavam das trocas de saberes com seus pares pelas narrativas. Os saberes pertencentes ao domínio da tradição oral, trazem a marca impressa na narrativa de quem viveu a experiência. E o próprio sujeito teve a oportunidade de narrar e revelar marcas representativas da profissão de vaqueiro da qual se orgulhava em pertencer.

Em cada recorte feito de lembranças, aos poucos, vai se cartografando saberes em traços da narrativa (auto)biográfica do narrador, contada em fios entrelaçados de memória. Para Hall (2011, p. 51) esses sentidos “com os quais podemos nos identificar constroem identidades [...], memórias que conectam seu presente com seu passado e imagens que dela são construídas”. Dessa relação, intrinsecamente ligada ao mundo do trabalho, a manifestação dos saberes se constituiu em práticas culturais vivenciadas no interior do Marajó com oportunidade de se privilegiar o saber local.

As narrativas de Erandir revelaram elementos integrantes da composição identitária do vaqueiro na região marajoara como formação ao longo da vida e que o enalteceu como profissional vaqueiro reconhecido. De forma que esta produção, calcada na oralidade, teve como marca a expressão de um coletivo traduzida pela voz de Erandir, que se incluiu naquilo que narrou.

Diante do exposto pela voz de Erandir Vasconcelos, a mostra do quanto ele se dispôs como presença e performance ao transmitir saberes, valores, usos e costumes para expressar a própria sua vivência. Um tempo que findou e calou para sempre a voz do Tio Iranda, em 2018, deixando o registro de uma vida que foi muito além da enorme extensão dos campos do Marajó.

Ficam nas manifestações narrativas a sinalização impressa no rumo de novas pesquisas a serem desveladas nesse campo, com novas possibilidades de registros, em outras tessituras dos fios da memória a fim de que a beleza da arte de narrar se revigore, pois o sopro da voz se perde quando as histórias não são mais contadas.

Referências

BENJAMIN, Walter. O narrador: considerações sobre a obra de Nikolai Leskov. In: BENJAMIN, Walter. **Obras escolhidas – Magia e técnica, arte e política**. 7. ed. Trad. de Sérgio Paulo Rouanet. São Paulo: Brasiliense, 1994.

BERTAUX, Daniel. **Narrativas de vida: a pesquisa e seus métodos**. Natal: EDUFRRN; São Paulo: Paulus, 2010.

BOSI, Ecléa. **Memória e sociedade: Lembrança de Velhos**. 3. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

FARES, Josebel Akel; RODRIGUES, Venize Nazaré Ramos. **Marajó e vaqueiros: Memórias de ofício, épica e ancestralidade**. XXVIII Simpósio Nacional de História. Florianópolis, Santa Catarina, 2015.

FARES, Josebel Akel. Cartografia Poética. In: OLIVEIRA, Ivanilde Apoluceno de (Org.) **Cartografias ribeirinhas: saberes e representações sociais sobre práticas sociais cotidianas de alfabetizando amazônidas**. Belém: CCSE-UEPA, 2004.

FREITAS, Sônia. **História oral: possibilidades e procedimentos**. São Paulo: Humanitas/FFLCH/USP: Imprensa oficial do Estado, 2002.

GALLO, Giovanni. **Marajó: a ditadura da água**. Belém/PA: Papyrus, 1980.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Trad. de Tomaz Tadeu da Silva e Guacirra Lopes Louro. 11. ed. 1. reimp. Rio de Janeiro: DP&A, 2011.

LE GOFF, Jacques. **História e memória**. II volume. 6. ed. Trad. Bernardo Leitão et al. Campinas-SP: Editora da Unicamp, 2012.

MEDINA, Maria de Fátima Rocha. Repertório de vaqueiro: memória, experiência, narração. In: FARES, Josebel Akel. **Saberes de vaqueiros: épica, ancestralidade, ofício**. Belém: EDUEPA, 2017.

MIRANDA, Henrique R. Pai e filho na cabeça. In: **Revista Sagrinforma**. Belém, Ano VI, n. 27, out. 1982, p. 13.

ZUMTHOR, Paul. **Tradição e esquecimento**. Tradução do original francês de Jerusa Pires Ferreira e Suely Fenerich. São Paulo: Hucitec, 1997.

ZUMTHOR, Paul. **A letra e a voz**. A "literatura" medieval. Trad. de Jerusa Pires Ferreira e Amálio Pinheiro. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.

Fontes Orais:

VASCONCELOS, Erandir. Registro realizado no município de Soure, de agosto de 2013 a abril de 2014.

SEBASTIÃO. Registro realizado em propriedade rural no município de Soure, em dezembro de 2019.

BAGRE. Registro em uma propriedade rural no município de Soure, em dezembro de 2019.

Recebido em 23 de setembro de 2020.

Aceito em 28 de setembro de 2020.